

# A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA COMO ESFORÇO SIMBÓLICO E IDEOLÓGICO: A AUTO- REPRESENTAÇÃO DE ÊNIO, POETA ROMANO

Everton da Silva Natividade\*

**RESUMO:** Nos sumus Romani, qui fuimus ante Rudini, “Nós, que antes fomos rudinos, somos romanos”. Este fragmento (313, ed. Valmaggi), um dos mais conhecidos dos Anais de Quinto Ênio (239 – ca. 169 a. C.), faz referência explícita à cidadania adquirida pelo poeta, provavelmente no ano de 184 a. C., uma das datas assinaladas como terminus post quem do começo da redação do poema épico. Também em outros fragmentos, ainda que menos explicitamente, Ênio mostra o seu sentimento de pertença, nomeando-se romano, além de cantor da gesta de Roma. A partir do estudo combinado de tais fragmentos, este trabalho procura analisar a imagem que o poeta cria de si mesmo como cidadão romano dentro dos Anais e, por conseguinte, como essa persona se auto-representa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ênio; Anais; auto-representação; romano; cidadão-poeta

## THE CONSTRUCTION OF CITIZENSHIP AS A SYMBOLIC AND IDEOLOGICAL EFFECT: THE SELF-REPRESENTATION OF ENNIUS, ROMAN POET

**ABSTRACT:** Nos sumus Romani, qui fuimus ante Rudini, “We who once were Rudians are now Romans”. One of the most known in the Annals of Quintus Ennius (239 – ca. 139 BC), this fragment (313, ed. Valmaggi) explicitly refers to the citizenship granted to the poet, probably in the year 184 BC, one of the dates accepted as terminus post quem for the beginning of the composition of his epic poem. Even in other fragments, although less explicitly, Ennius shows this sense of belonging, as he calls himself a Roman, besides being the bard to Rome’s res gestae. By means of a combined study of these fragments, this text aims to analyze the image the poet creates of himself as a Roman citizen within the Annals and, therefore, how his persona is self-represented.

**KEY-WORDS:** Ennius; Annals; self-representation; Roman; citizen-poet

\* Everton Natividade é mestrando em Letras Clássicas pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail institucional: everton.natividade@usp.br.

O fragmento 313 dos *Anais* de Ênio, cujo único verso dá título a este texto, é um dos mais conhecidos do poema épico pré-*virgiliano* de maior renome. Quinto Ênio (239 – ca. 169 a. C.) foi autor de peças de teatro, comédias e tragédias, das quais as últimas tiveram maior sucesso, tendo-nos restado fragmentos de vinte e três delas, aos quais se devem adicionar *Sabinae*, “As Sabinas”, e *Ambracia*, “Ambrácia”, poemas freqüentemente vistos como *praetextae*, “pretextas”, peças de teatro em que se abordavam temas propriamente referentes a Roma. Ênio escreveu ainda obras menores: *Saturae*, as suas sátiras; *Hedyphagetica*, um poemeto sobre aperitivos, do qual nos resta um só fragmento, citado por Apuleio, no qual se lêem informações sobre peixes e outros frutos do mar; *Sota*, tradução de um poema de Sótades, poeta grego do séc. III a. C.; epigramas e um livro de preceitos. Ênio atuou também na filosofia, deixando-nos dois títulos: o *Evêmero* ou *História Sacra*, em que o poeta tratava de ligar a imagem dos deuses à de monarcas falecidos; e o *Epicarmo*, em que os quatro elementos e a natureza são o tema. O título *Cipião*, uma apologia ao Africano, vencedor da batalha de Zama em 202 a. C., é alvo de discussão: não é certo se fazia parte das

sátiras, entre as quais seria o terceiro livro, ou se estava entre as tragédias, na lista das *praetextae*. A principal obra eniana de que temos notícia, o poema épico dos *Anais*, contava com dezoito cantos, uma narrativa da história de Roma desde a fundação até aos eventos contemporâneos do poeta. Restam-nos 420 fragmentos dessa obra, somando-se aproximadamente seiscentos versos supérstites, nos quais muito das idéias filosóficas e literárias de Ênio se encontram ilustradas.<sup>1</sup>

O fragmento 313, no conjunto da obra, localiza-se numa seção adicionada modernamente, chamada *Sedis Incertae*, “de localização incerta”, que abriga os fragmentos cuja citação inicial não identifica o canto a que pertenceriam tais versos. Na edição com que trabalhamos<sup>2</sup>, encontram-se nessa seção os fragmentos de 272 a 420. Alguns dos fragmentos dessa seção têm a sua contextualização possibilitada pela comparação com outros, cujo canto de origem já foi identificado, ao passo que alguns permanecem sem nenhuma contextualização plausível. A partir do estudo combinado do fragmento 313 e de outros, portanto, este trabalho traça comentários e apresenta alguns apontamentos sobre a imagem que o poeta cria de si mesmo como cidadão romano dentro dos *Anais*.

O fragmento 313 faz referência explícita à cidadania adquirida pelo poeta, provavelmente no ano de 184 a. C., uma das datas assinaladas como *terminus post quem* do começo da redação dos *Anais*:

**313. nos sumus Romani, qui fuimus ante Rudini**

*nós, que antes fomos rudinos, somos romanos*

Segundo Vahlen (1963: CXCVII), crítico alemão do final do século XIX e início do século XX, este fragmento faria parte do canto XII, em que ele supôs haver, após a narração de uma seqüência de feitos de Tito Qüincio Flaminino na Grécia, um breve elogio de Fábio Máximo, o Contemporizador, e de M. Cúrio. O canto se encerraria com uma digressão em que Ênio teria

falado da sua idade<sup>3</sup> e de si, num símile em que se compararia a um cavalo cansado após a corrida<sup>4</sup>; da sua estirpe, descendente do rei Messapo (num fragmento excluído da edição de Valmaggi); da cidadania a ele conferida por Marco Fúlvio Nobílior, enfim, no fragmento sob apreço. Müller (*apud* Valmaggi, *id.*: 133), que é contemporâneo de Vahlen, propôs, por outro lado, que o fragmento fizesse parte do início do canto XVI, dum proêmio especial que aí se encontraria, antes da narrativa da Guerra da Ístria (178-177 a. C.), tema central do canto.

Entre os comentadores mais recentes, as posturas também divergem. Warmington (*id.*: 434-435) traz o fragmento sem identificar a qual livro pertença, não deixando, contudo, de assinalar que pudesse fazer parte do canto XVI, em que também se narrariam os fatos de 184 a. C., ano em que Ênio recebeu o direito de cidadania; ou do I, em que se narra a fundação da Cidade e a divinização de Rômulo; ou do XV, em que se celebra Marco Fúlvio Nobílior, o que também se fazia na peça de teatro *Ambracia*. Skutsch (1985: 677), que considera o contexto autobiográfico *provável*, sugere que o verso pudesse fazer parte de qualquer obra em que o poeta tivesse a oportunidade de falar de si mesmo, mas que não é inquestionável que fizesse parte de outro contexto: outra possibilidade seria a história da colônia enviada ao Pisauro em 184 a. C., sob o comando do filho de Marco Fúlvio Nobílior, Quinto Fúlvio Nobílior, colônia de que Ênio fez parte e graças à qual recebeu o direito à cidadania. Martos (2006: 257, n. 434) assinala ainda que o fragmento poderia ser introduzido no canto XV, que, como o último no plano inicial da obra, teria sido o mais provável para que Ênio falasse de si mesmo. A conjectura é aceitável, ainda que, como todas as outras, seja impossível de assegurar, e a contextualização exata do fragmento permaneça, portanto, incerta.

De todas as conjecturas, como se vê, é voz quase unânime que se trate de passo autobiográfico, o que não seria novidade entre os fragmentos dos *Anais*. Com efeito, Mariotti (1991: 70-74), ao enumerar didaticamente os

1. As obras de Ênio, compiladas e traduzidas para o inglês, em versão bilingüe, são mais facilmente encontradas e lidas na edição bastante confiável de Warmington (1988); em espanhol, há as traduções de Moreno (1999) e Martos (2006), esta última mais cuidada que a primeira. Quanto aos *Anais*, além das traduções já citadas, convém mencionar os trabalhos de Steuart (1976) e Skutsch (1985), que, ainda que não contem com uma tradução, apresentam edição e comentários de grande valor para a compreensão dos fragmentos. Em português, dois trabalhos foram feitos acerca da obra de Ênio: a tese de Nóbrega (1963), sobre os *Anais*, e a de Souza (1989), uma tradução incompleta e não muito confiável dos fragmentos de Ênio e Nêvio. Na nossa dissertação, *Os Anais de Quinto Ênio: estudo, tradução e notas*, a ser defendida nos próximos meses, traduzimos e comentamos os fragmentos do poema épico um a um, tendo-nos servido da edição italiana de Valmaggi (1945) como texto base.

2. Reiteramos: utilizamos a edição de Valmaggi (1945).

3. Aulo Gêlio, XVII, 21, 43.

4. No fragmento 268 da nossa edição:  
**268.** hic ut fortis equos, spatio qui saepe supremo uicit Olumpia, non senio confectus quiescit

ele, como um cavalo infatigável, que muitas vezes, na última volta, venceu os jogos olímpicos, não enfraquecido pela velhice, repousa

5. Nominalmente: (1) elementos filosóficos e gramaticais; (2) elementos crítico-literários; (3) vários elementos autobiográficos.

6. Cic., *De Oratore*, III, 168.

7. Num uso do pronome demonstrativo que é atestado também em Terêncio, *Andr.*, 310; Tibulo, II, 6, 7; Horácio, *Sat.*, I, 9, 47; nos *Anais*, temos outros exemplos nos fragmentos 46 e 268.

elementos concernentes à riqueza e variedade de motivos que, ainda que tradicionalmente não épicos<sup>5</sup>, contribuem para a constituição do conteúdo da epopéia eniana, cita este mesmo fragmento, como exemplo dos elementos autobiográficos que comparecem no texto. A menos que considerássemos este fragmento como inserido na fala de alguma personagem, o *nos* destacado no início do verso, ao lado da ênfase que recebem os adjetivos gentílicos pela “elegância [criada] por meio de uma palavra alterada e trocada”<sup>6</sup>, como assinala Cícero, fonte do fragmento, aponta para o autor dos *Anais*. Também em outras passagens o plural majestático é usado em auto-referência.

No fragmento 8, parte do sonho de Ênio com Homero, localizado no proêmio do canto I:

**8. latos**

*per populos terrasque poemata nostra cluebunt clara*

*por vastos*

*povos e terras nossos poemas terão grande reputação*

Nesse sonho, Homero declara que Ênio é a sua reencarnação, faz uma breve exposição filosófica *de rerum natura*, lembra-se de ter já reencarnado num pavão, e justamente no fragmento em questão, *vaticina o futuro sucesso dos poemas e temas que Ênio vai cantar*. Aqui, então, *nostra* do segundo verso pode-se referir a Homero e Ênio ou, se não fizesse parte da fala de Homero propriamente dita, *nostra* seria equivalente de *mea*, com a primeira do plural pela primeira do singular, como se vê no fragmento 123:

**123. scripsere alii rem**

*uorsubus, quos olim Faunei uatesque canebant, quom neque Musarum scopulos . . . .*

*. . . . neque dicti studiosus quisquam erat ante hunc.*

**Nos ausi reserare**

*outros escreveram algo com os versos que outrora os Faunos e os vates cantavam,*

*já que nem os penhascos das Musas...*

*... e nenhum filólogo havia antes deste.*

**Nós ousamos abrir**

Este fragmento, por sua vez, é parte do proêmio do canto VII, em que se atesta o desprezo de Ênio por Névio, seu predecessor. São versos em que o poeta declara o desdém pelo antigo *uates*, além de reafirmar a sua ligação com as Musas e o cuidado com a expressão artística do poema. *Ante hunc*, “antes deste”, no quarto verso, significa, propriamente, “antes de mim”<sup>7</sup>. E é na continuação da auto-referência que vemos o *nos* do verso seguinte, o quinto. *Nos ausi reserare*, “nós ousamos abrir”, verso em que, observa Bettini (1979: 129), Ênio demarca as insuficiências dos antigos poetas, por não terem sido capazes de “abrir as fontes sagradas”, o que significa dizer que não tinham recebido nenhum sinal particular dos deuses para a sua produção poética.

Pois estes fragmentos, em que mostramos que *nos* equivaleria, *mutatis mutandis*, a *ego*, fazem-nos crer que é inclusivo o *nos* que comparece em fragmentos como o de número 313, e em outros. No fragmento 154, por exemplo, outro *nos* se apresenta:

**154. unus homo nobis cunctando restituit rem: noenum rumores ponebat ante salutem: ergo postque magisque uiri nunc gloria claret**

*um só homem, contemporizando, restituiu-nos a situação:*

*não punha rumores diante da segurança:*

*por isso, em seguida e cada vez mais, brilha a glória do varão*

A personagem celebrada aqui é Fábio Máximo, o Contemporizador (*Cunctator*), eleito ditador em 217 a. C., cuja estratégia de combate a Aníbal, durante a Segunda Guerra Púnica, previa que não houvesse lutas em campo aberto, onde o exército inimigo havia apresentado um

desempenho superior. A intenção era desgastar o exército do general cartaginês com pequenas batalhas, aproveitando-se da dificuldade que o inimigo teria para recompor os exércitos, uma vez que Fábio também procurou impedir os habitantes da Itália de aliarem-se aos púnicos.

E na voz de quem Ênio teria posto esta apologia a Fábio Máximo? René Rebuffat (1983: 157), num artigo dedicado a este fragmento, se põe esta questão e sugere que se tratasse de T. Quíncio Flaminino, o herói da Primeira Guerra da Macedônia, não sem antes afirmar que “evidentemente [tais palavras teriam sido pronunciadas por] um romano, evidentemente também um romano investido de alta responsabilidade”. O mesmo articulista nos diz que “*nobis* indicaria que o poeta historiador se identifica com o destino dos romanos” (*id.*: 155), lendo, portanto, a primeira pessoa do plural, se não como majestática, ao menos como inclusiva. O que nos é importante reter aqui é, por um lado, a nova afirmação da identificação de Ênio com o povo romano, em constante construção da sua cidadania como esforço simbólico e ideológico; por outro lado, a figura de um poeta celebratório.

A construção celebratória é, aqui, das mais trabalhadas: o *unus* desse fragmento se liga ao *unus* do fragmento 41, em que Júpiter falaria a Marte sobre a divinização de Rômulo. Essa divinização, nos *Anais*, como assinalaram dois críticos diferentes, Newman (1967) e Feeney (1984), em artigos de objeto diverso, se identifica com a própria figura mítica de Hércules, cuja apoteose se vê reproduzida na de Rômulo, nos *Anais*. Identificar Fábio com Rômulo, portanto, significa erguer o general romano, ainda que indiretamente, ao estatuto divinizado que já possuía a figura de Hércules. Mas é necessário demarcar a nuance: trata-se de atribuição de grande valor humano e virtuoso a uma personagem celebrada, pela imagem do divino, não de deificação propriamente dita. Como bem assinala Newman (1967: *passim*), a ênfase eniana está no conceito do homem, da *uirtus* humana, da realização pessoal, o que se atesta nas teorias que divulgou no texto da sua *História Sagrada*, o

*Evêmero*. É o Ênio que “era o propagador da teoria que vê a história como a criação dos grandes homens, e que não reconhece nenhum valor exterior ao homem” (Newman, *ibid.*: 46).

No fragmento 305,

**305.** *moribus antiquis res stat Romana uirisque*

*é pelos costumes antigos e pelos varões que se mantém a república romana*

é o mesmo Ênio celebratório. Pois essa voz celebratória, que não é a única presente nos *Anais*, mas é, ao contrário, recorrente entre outras, quando se refere a Fábio e o assimila a uma figura divina, aquele Fábio cidadão romano, glorifica-o glorificando-se a si mesma, uma vez que é a voz do mesmo poeta que se declara cidadão e, com isso, par do general a quem exalça em glória. Essa “paridade”, ou antes a intimidade de Ênio com os grandes varões, se vê declarada com elaboração na figura de um amigo de general, representado no fragmento 158.

**158.** *haec locutus uocat, quocum bene saepe libenter*

*mensam sermonesque suos rerumque suarum comiter inpartit, magnam cum lassus diei partem triuisset de summis rebus regundis consilio indu foro lato sanctoque senatu;*

**5**

*quo res audacter magnas paruasque iocumque eloqueretur, cuncta <simul> malaque e bona dictu euomeret, siqui uellet, tutoque locaret; quocum multa uolup <et> gaudia clamque palamque;*

*ingenium quoi nulla mala sententia suadet*

**10**

*ut faceret facinus leuis aut malus; doctus, fidelis, suauis homo, facundus, suo contentus, beatus, scitus, secunda loquens in tempore, commodus, uerbum*

*paucum, multa tenens antiqua sepulta, uetustas quem facit et mores ueteresque nousque tenentem,* **15**

*multorum ueterum leges diuomque hominumque;*

*prudenter qui dicta loquiue tacereue posset.  
Hunc inter pugnas Seruilius sic compellat:*

*tendo dito isso, chama aquele com quem quase  
sempre de bom-grado*

*a mesa e as suas conversas dos seus assuntos  
amigavelmente partilha, quando, cansado, a do  
dia maior*

*parte tivesse passado tomando, sobre questões de  
suma importância,*

*5 decisões no grande foro e no sagrado senado;  
com ele, sem receio, coisas importantes e sem  
importância e gracejos*

*diz; igualmente o que é bom e o ruim de dizer,  
desabafa, da maneira que acha melhor, confiando-  
o a lugar seguro;*

*com ele também partilha com prazer muitas  
alegrias, abertamente e em segredo;*

*10 engenho a que nenhuma propensão persuade  
a que,*

*leviano ou mau, fizesse uma maldade; douto, fiel,  
agradável, eloqüente, satisfeito do que é seu, feliz,  
sábio, falando coisas certas em tempo adequado,  
conveniente, de palavras*

*poucas, guardião de muitas tradições antigas e já  
sepultadas, a quem a idade*

*15 faz também guardião tanto dos costumes  
antigos, como dos novos,*

*das leis tanto dos muitos antigos deuses como dos  
homens;*

*que prudentemente possa recontar ou calar o que  
ouve.*

*A este, entre as batalhas, Servílio assim o chama:*

Esse fragmento, que chegou a nós pela citação de Aulo Gélíio (*Noites Áticas*, XI, 4, 1), apresenta, na descrição do amigo de Servílio, uma figura que foi lida pelos críticos como a tópica auto-representação do poeta épico. No verso 11 da lista de adjetivos auto-elogiosos, note-se que o poeta é *fidelis*, “fiel”, o que nos faz pensar na questão do contrato fiduciário autor-leitor, em que o autor busca convencer o leitor da valia dos

seus escritos. Julgando-se fiel, *fide*-digno, Ênio outorga-se, ademais, uma das características mais nobres que se espera de um cidadão romano. Trata-se, portanto, de igualar-se aos seus concidadãos uma vez mais, mostrando quão confiáveis são os ditos daquele que se emparelha, em certa medida, com os varões de grandes feitos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CONSULTADAS

- BETTINI, M. *Studi e note su Ennio*. Pisa: Giardini Editori e Stampatori, 1979.
- FEENEY, D. C. The Reconciliations of Juno. *Classical Quarterly*. Vol. 34 (I), pp. 179-194, 1984.
- MARIOTTI, S. *Lezioni su Ennio*. Urbino: Quattro Venti, 1991.
- MARTOS, J. *Ennio: Fragmentos*. Madrid: Editorial Gredos, 2006.
- MORENO, M. S. *Quinto Ennio*. Fragmentos. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1999.
- NEWMAN, J. K. Ennius the Mystic — III. *Greece & Rome*, 2nd Ser., vol. 14, no. 1, pp. 44-51, 1967.
- NÓBREGA, V. L. *A epopéia de Ênio: exegese e crítica*. Tese de doutoramento policopiada. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1963.
- REBUFFAT, R. Unus homo nobis cunctando restituit rem. *Revue des Études latines*. 6ème année, 1982. Paris : Société d'Édition “ Les Belles Lettres ”, pp. 153-165, 1983.
- SKUTSCH, O. *The Annals of Quintus Ennius*. New York: Oxford University Press, 1985.
- SOUZA, S. G. *Fragmentos de Névio e Ênio*. Tese de doutoramento policopiada. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989.
- STEUART, E. M. *The Annals of Quintus Ennius*. Hildesheim / New York: Georg Olms Verlag, 1976.
- VAHLEN, J. (ed.). *Ennianae poesis reliquiae: Iteratis curis*. Amsterdam: A.M. Hakkert, 1967.
- VALMAGGI, L. (ed.). *Q. Ennio: I frammenti degli Annali*. Torino: Casa Editrice Giovanni Chiantore, 1945.
- WARMINGTON, E. H. (ed.). *Remains of Old Latin*. Vol. 1. Cambridge, Mass., London: Harvard University Press, 1988.

Recebido em Outubro de 2008.

Aprovado em Novembro de 2009.

